



SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Emanoel Araujo

Cosmogonia dos Símbolos
Cosmogony of Symbols

26 junho a 14 agosto 2021
june 26 to august 14 2021

A galeria de São Paulo está aberta ao público com hora marcada.
Agende sua visita pelo site ou telefone.

The São Paulo gallery is open to the public by appointment.
Schedule your visit by website or phone.

são paulo
rua sarandi 113 a
01414-010 sp brasil

info@simoedeassis.com
+55 11 3063-3394

Representação e corporificação

São incontáveis as histórias sobre a origem do universo, de lendas às teorias da ciência moderna – do Big Bang à criação do mundo em sete dias; da cosmologia inflacionária aos gregos Caos, Nyx e Érebo. As histórias de gênese e princípio, fundantes do sentido e do significado da nossa existência, originadoras de arcaísmos de crenças e imaginários, são chamadas cosmogonias – fabulações, hipóteses e abstrações que nos ajudam a lidar com a incomensurabilidade angustiante do universo desconhecido.

Mas não seria, também, possível pensar a cosmogonia na arte, a criação da criação? Nos trabalhos de Emanuel Araujo apresentados na mostra “Cosmogonia dos Símbolos”, essas lendas ganham corpo e forma a partir da mitologia iorubá, que conta como Olurun (o deus supremo), Olokun (senhora das águas profundas) e Obatalá (criador dos seres humanos) instauraram o nosso mundo. Na série “Orixás”, esculturas representam seres divinos, cada um associado a elementos distintos da natureza – os rios, as matas, as pedras, o fogo, o mar, a terra. Na representação, um elemento gráfico, um objeto, um gesto, traduzem algo maior, uma dimensão ampliada e transcendente que se encena concentrada em um símbolo. No entanto, há certas instâncias em que emblema e entidade se confundem em uma espécie de encarnação matérica, na qual o objeto não mais representa algo, mas torna-se aquilo.

É como se essas peças-orixás não mais fossem alegorias às deidades que deveriam representar, mas sim as incorporassem encarnadas na tinta, na madeira, no metal, no espelho, nas conchas e búzios. Assim, os trabalhos têm presença gravitacional: reside nelas uma força telúrica que os deixa assentados, quase aterrados. Por outro lado, esses corpos-objetos totêmicos parecem também carregar uma qualidade etérea, anímica, como se recebessem o *emi*, o sopro da vida.

Essa ligação divina é reforçada pela verticalidade das obras, o que potencializa a percepção de um ajuntamento entre planos terrestres e astrais, um vínculo inquebrável consubstanciado no próprio material.

A exposição também conta com 4 trabalhos de Rubem Valentim: pintor que, com maestria, sintetizou elementos do candomblé em uma singular linguagem construtiva – seus títulos, “Emblema”, aludem à força simbólica dessas obras. A aparente simplicidade das formas, a simetria e a disposição verticalizada de parte das composições, tornaram-se marcas da produção de Valentim a partir do final dos anos 1950. Essa redução e condensação construtivo-geométrica poderia tensionar a carga icônica dos elementos do Candomblé mas, em realidade, a filiação às raízes africanas dessa geometria só potencializa os elementos gráficos como *Oxê*, o machado duplo de Xangô; o arco e flecha, *Ofá*, de Oxóssi; a espada de Oxalá, chamada *Idá*; a coroa de Iemanjá. Essas e outras alegorias gráficas também emergem de dentro das obras de Araujo, uma vez que o artista incorpora, em parte de seus Orixás, pinturas inacabadas de Valentim.

Deste modo, apresentados em diálogo, esses trabalhos parecem espelhar, ecoar uns aos outros, complementando-se em um encontro potente e polissêmico. Ambos os artistas, interessados igualmente pelo universo religioso do candomblé e também pelos cânones da geometria na arte, buscam em suas obras uma síntese do que os interessa nas relações possíveis entre racionalidade e espiritualidade, entre cor e forma, entre material e significado, passado e futuro, simbologia e concretude.



Representation and embodiment

There are countless stories about the origins of the Universe, from legends to modern scientific theories – from the Big Bag to the creation in seven day; from inflationary cosmology to the greek Chaos, Nyx and Erebus. The histories of inceptions and beginnings, foundational to the meaning of our existences, originators of belief frameworks and imageries, are called cosmogonies – fables, hypothesis and abstractions that help us deal with the harrowing incommensurability of the unknown universe.

But couldn't we, also, possibly conceive cosmogonies in art, the creation of creation? In Emanuel Araujo's works, presented in the exhibition "Cosmogonia dos Símbolos" (Cosmogony of Symbols), these legends are materialized through the Yoruba mythology, which tells the story of how Olorun (ruler of heavens), Olokun (ruler of deep waters), and Obatala (creator of humans), established our world. In the "Orixás" (Orishas) series, sculptures represent divine beings, each associated with a different element from nature – rivers, forests, rocks, fire, oceans, earth. In representation, graphic elements, objects, gestures, translate something that is larger and from a broader, transcendent, dimension, which is enacted and concentrated in a symbol. However, there are certain instances in which emblems and entities merge together in a kind of material incarnation, in which objects no longer represent something, but become that thing.

It is as if these orisha-pieces no longer acted as allegories to deities they supposedly represented, but instead incorporated them embodied in the paint, the wood, the metal, the mirrors, whelks and shells. Thus, these works are gravitational: they hold a telluric force that almost grounds them. On the other hand, these totemic object-bodies also seem to carry an ethereal, soul-like quality, as if they had received the emi, the breath of life.

The divine connection is emphasized by the verticality of the works, which strengthens the perception of a connection between astral and terrestrial planes, an unbreakable bond substantiated in the materials themselves.

The exhibition also present four paintings by Rubem Valentim: a painter who, masterfully, synthesized elements from the Candomblé faith in a constructive pictorial language – his titles, "Emblema" (Emblem), allude to the symbolic power of his works. The apparent simplicity of shapes, their symmetry, and the verticality of the compositions became his trademark as an artist in the late 1950s. This constructive-geometric reduction and condensation could create conflict between the iconic charge of the Candomblé's elements; nonetheless, actually, the filiation to this geometry in African visual traditions only enhances the depth of graphic elements such as the Oxê, Shango's double ax; the Ofá, the bow and arrow that Oshosi carries; the Idá, Oshala's sword; and Yemoja's crown. These and other graphic allegories also emerge from within Araujo's pieces, since the artist incorporated, in some of his "Orishas", unfinished paintings by Valentim.

Therefore, when presented in dialogue, these works seem to mirror and echo one another, supporting one another in a powerful and polysemous encounter. Both artists, equally interested in the religious universe of the Candomblé and the geometric canons in the arts, sought to synthesize, in their works, what interested them most in the possible relations established between rationality and spirituality, color and shape, material and meaning, past and future, symbology and concreteness.



Emanoel Araujo

Oxalá, 2021

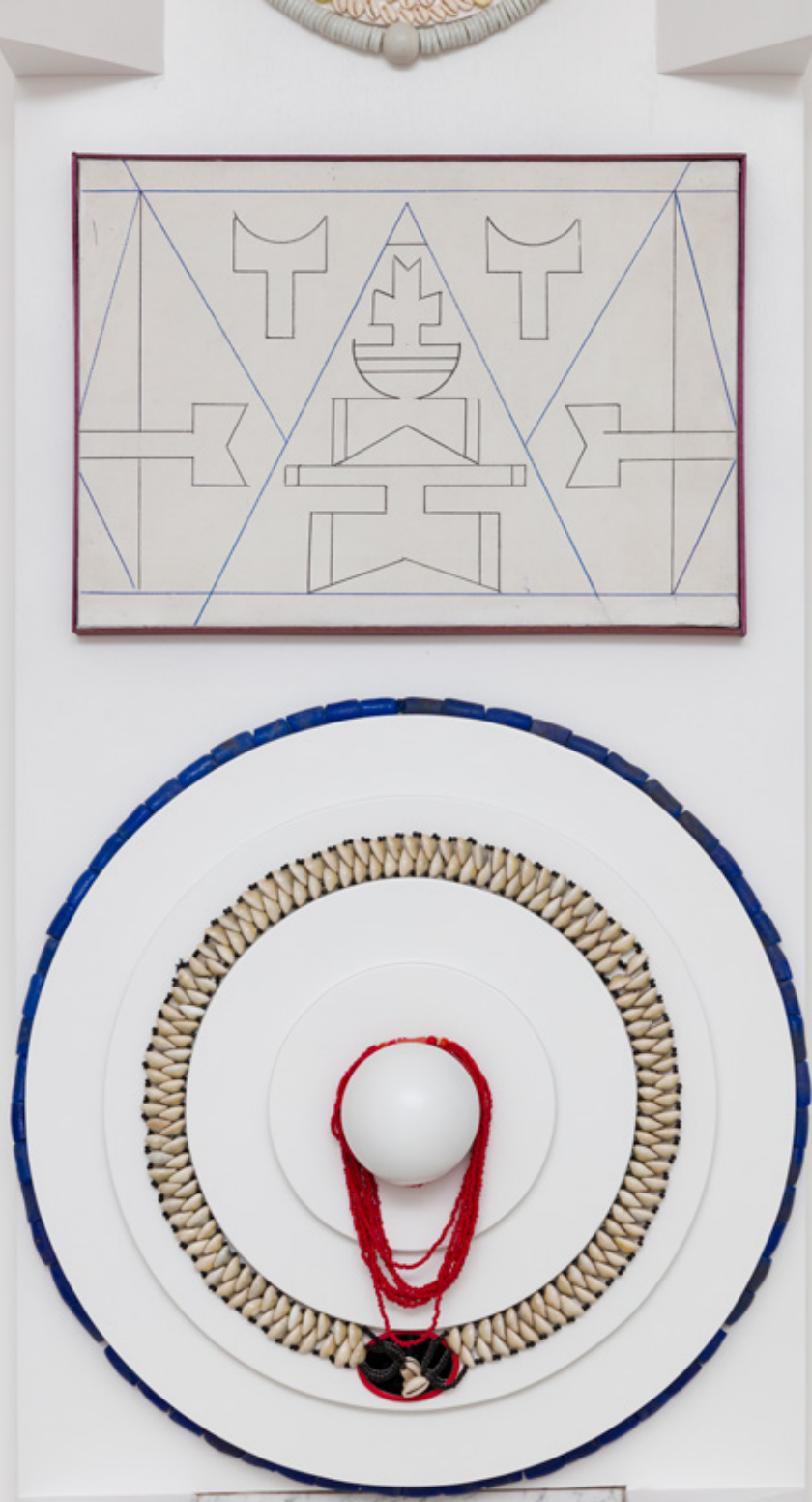
madeira, tinta automotiva, bronze e globo de vidro

220 x 60 x 26 cm

wood, automotive paint, bronze and glass globe

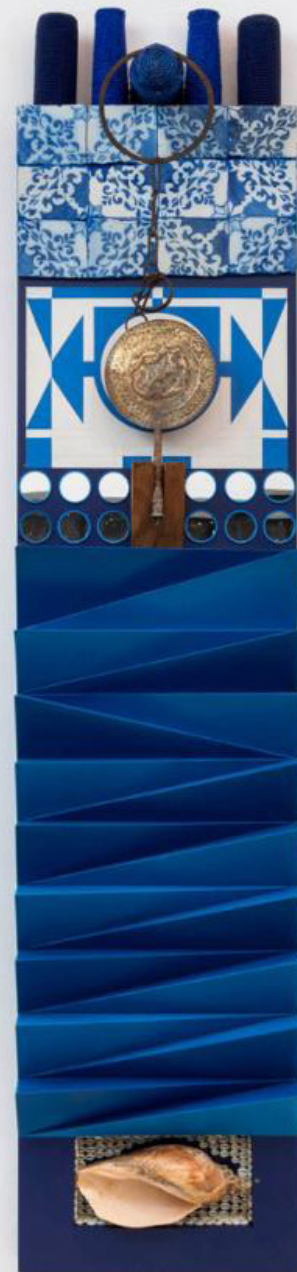
86 ³/₄ x 23 ⁵/₈ x 10 ¹/₄ in







Emanoel Araujo
Iemanjá, 2021
madeira, tinta automotiva, bronze, conchas e miçangas
240 x 53 x 20 cm
wood, automotive paint, bronze, shells and beads
94 ³/₆₄ x 20 ⁵/₆₄ x 7 ⁷/₈ in







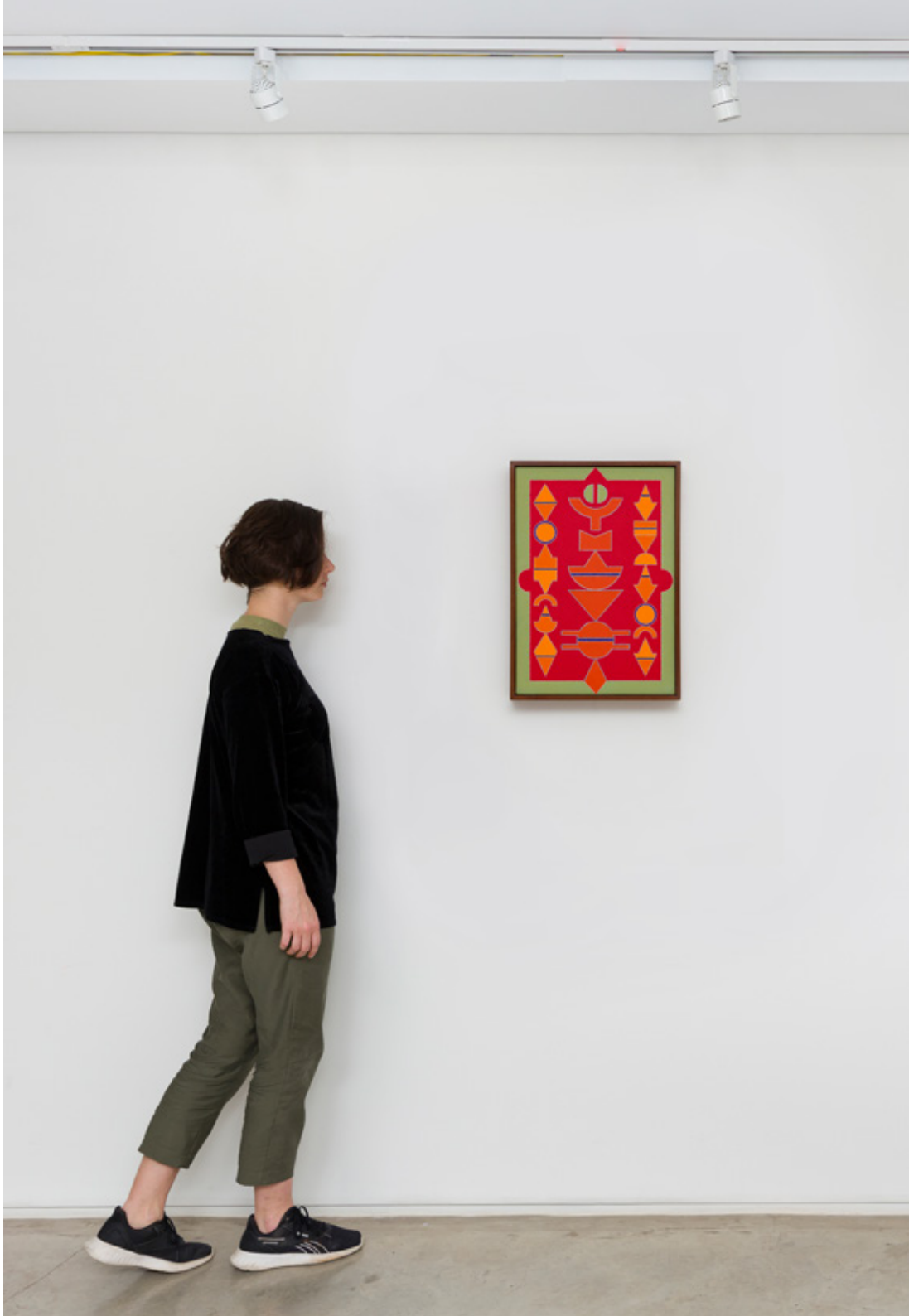
Emanoel Araujo
Onilê, 2021
madeira, tinta automotiva, bronze e globo de vidro
225 x 70 x 22 cm
wood, automotive paint, bronze and glass globe
88 ³⁷/₆₄ x 27 ⁹/₁₆ x 8 ²¹/₃₂ in





Rubem Valentim
Emblema 87, 1987-88
acrílica sobre tela
52 x 37,5 x 5 cm
acrylic on canvas
20 ¹/₃ x 14 ⁴/₆₄ x 1 ³/₃₂ in







Emanoel Araujo
Máscara, 1995
madeira, tinta automotiva e pinho
172 x 162 x 21 cm
wood, automotive paint and pine
67 ²⁹/₃₂ x 63 ²⁵/₃₂ x 8 ¹⁷/₆₄ in









Emanoel Araujo
Navio, 2021
madeira, tinta automotiva e parafusos
220 x 60 x 24 cm
wood, automotive paint and screws
86 ³/₆₄ x 23 ⁵/₈ x 9 ²/₆₄ in



Emanoel Araujo
Natureza Morta, 2021
madeira, pintura automotiva e bronze
225 x 58 x 15 cm
wood, automotive paint and bronze
88 ³⁷/₆₄ x 22 ⁵³/₆₄ x 5 ²⁹/₃₂ in



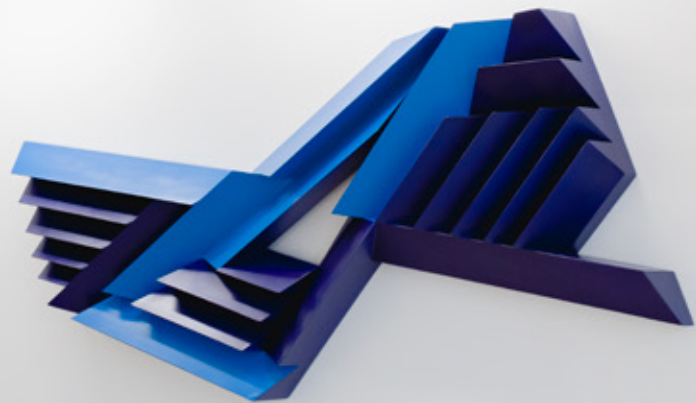


Rubem Valentim
Emblema 84, 1984
acrílica sobre tela
52 x 37,5 x 5 cm
acrylic on canvas
20 ¹/₃ x 14 ⁴/₆₄ x 1 ³/₃₂ in

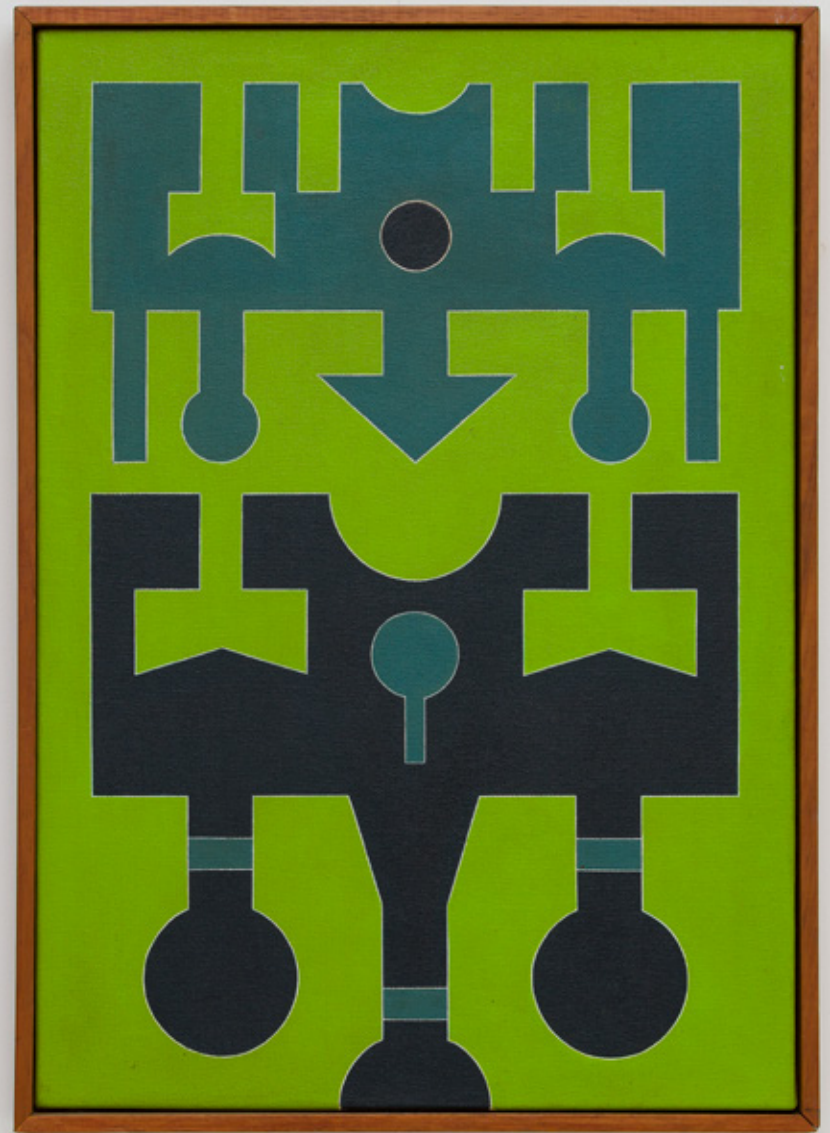


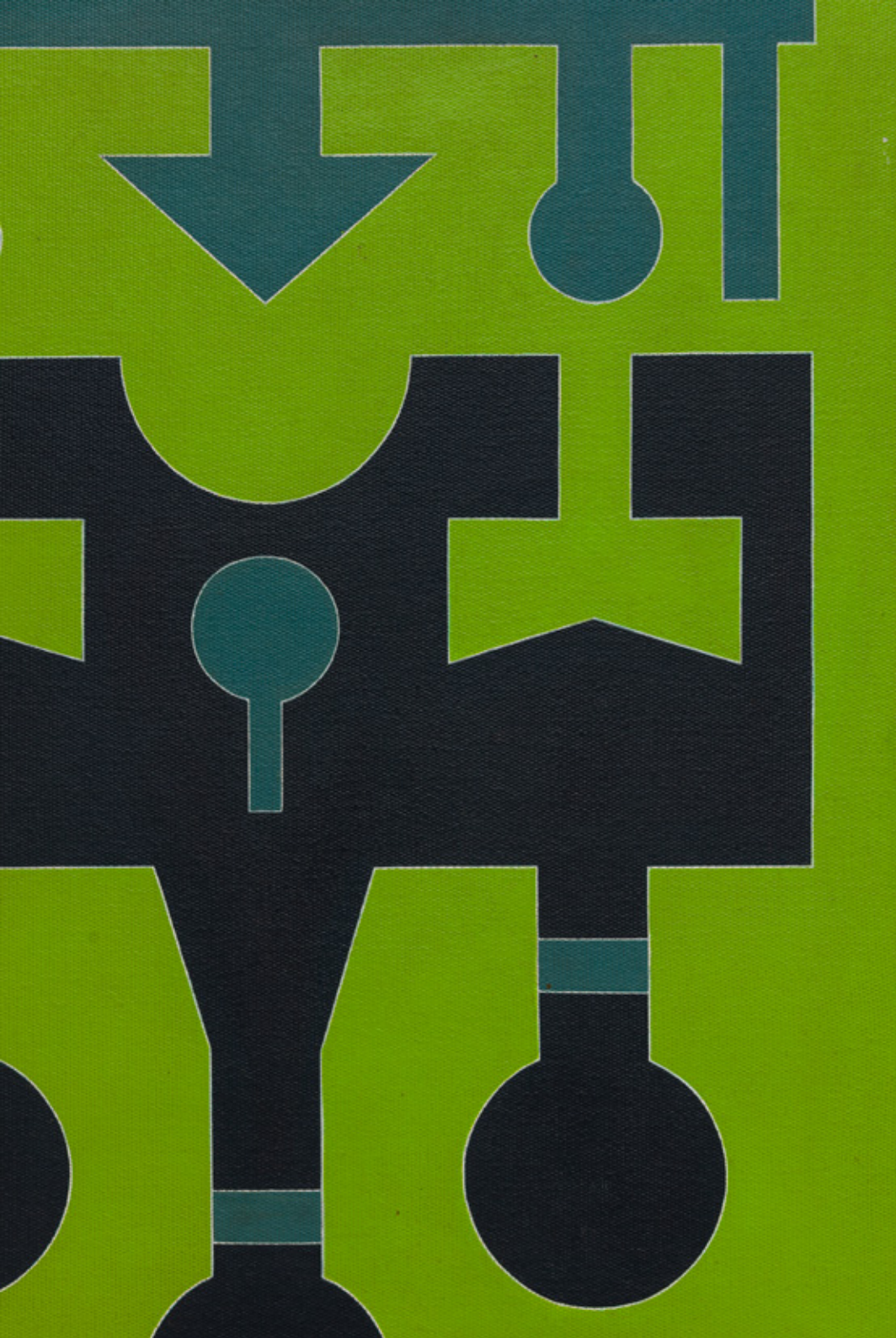
Rubem Valentim
Emblema 84, 1984
acrílica sobre tela
52 x 37,5 x 5 cm
acrylic on canvas
20 ¹⁵/₃ x 14 ⁴⁹/₆₄ x 1 ³¹/₃₂ in

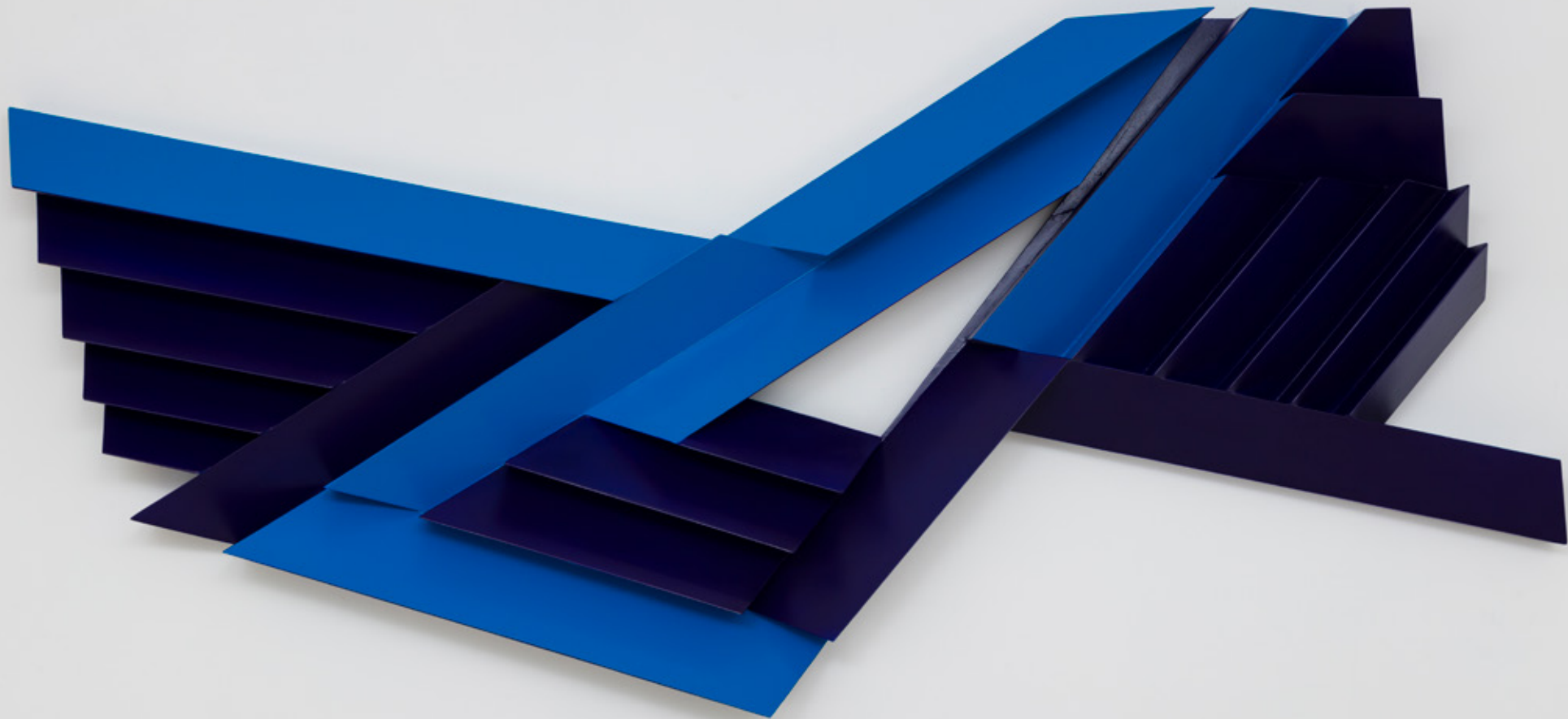




Rubem Valentim
Emblema 87, 1987
acrílica sobre tela
52 x 37 x 4 cm
acrylic on canvas
20 ¹/₃ x 14 ⁹/₁₆ x 1 ³⁷/₆₄ in

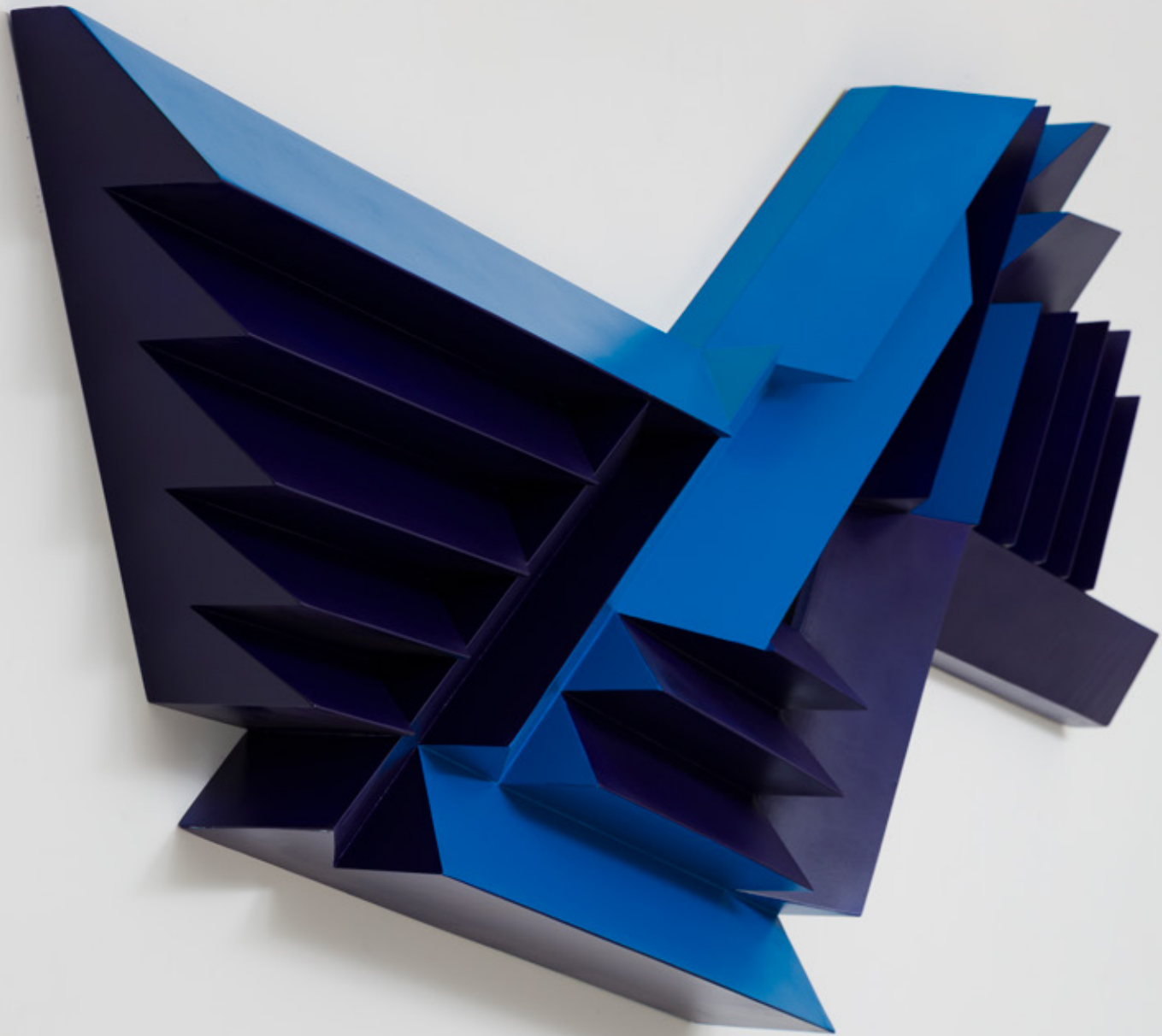


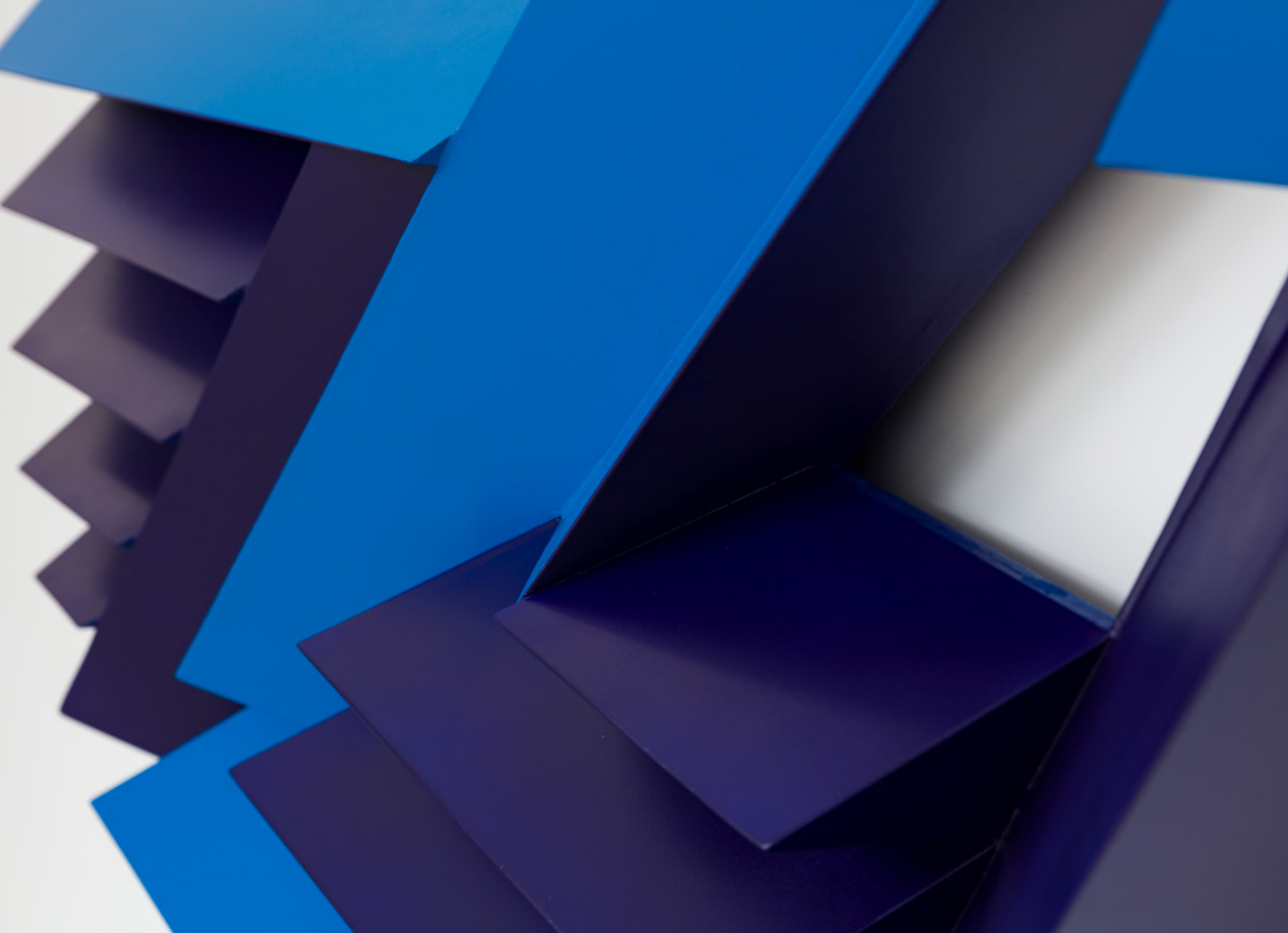




Emanuel Araujo
Tirante, 2018/21
madeira e tinta automotiva
118 x 260 x 18 cm
wood and automotive paint
46 ²⁹/₆₄ x 102 ²³/₆₄ x 7 ³/₃₂ in







Emanoel Alves de Araujo (Santo Amaro da Purificação, Bahia, 1940), é artista plástico, escultor, desenhista, ilustrador, figurinista, gravador, cenógrafo, pintor, curador e museólogo. Baiano, nasceu numa tradicional família de ourives. É na oficina do marceneiro e talhador Eufrásio Vargas que, ainda na puberdade, começa a desenvolver seus trabalhos e aprende a marcenaria.

Muito jovem, aos 13 anos, mergulha no universo gráfico como funcionário da Imprensa Oficial de sua cidade. Em 1959, realizou sua primeira exposição individual, ainda em sua terra natal. Mudou-se para Salvador na década de 1960 e ingressou na Escola de Belas Artes da Bahia (UFBA), onde estudou gravura.

A partir de 1971, realiza obras abstratas, compostas por formas geométricas conjugadas. O artista gradualmente aproxima-se das vertentes construtivas, reduzindo as figuras a estruturas primárias. Desenvolve trabalhos que contêm segmentos ondulados de outras gravuras, colados sobre o plano de uma gravura maior, de maneira a produzir cortes, interferências e justaposições no plano. Essas peças já apontam seu interesse pelo tridimensional. Interessado na reestruturação do universo da arte e da cultura afro-brasileira, enfatiza em suas gravuras, relevos e esculturas as formas e volumes geométricos aliados a contrastes acirrados, ângulos marcados e cores fortes.

Expôs em diversas galerias e mostras nacionais e internacionais, somando cerca de 50 exposições individuais e mais de 150 coletivas. Foi premiado com medalha de ouro na 3ª Bienal Gráfica de Florença, Itália, em 1972. No ano seguinte, recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de melhor gravador, e, em 1983, o de melhor escultor. Foi diretor do Museu de Arte da Bahia entre 1981 e 1983, além de ter lecionado artes gráficas e escultura no Arts College, na The City University of New York (1988).

Foi diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo (1992-2002) e fundador do Museu Afro Brasil (2004), onde atua como Diretor Curador. Em 2005, exerceu o cargo de Secretário Municipal de Cultura. Em 2007, foi homenageado pelo Instituto Tomie Ohtake com a exposição "Autobiografia do Gesto", que reuniu 45 anos de produção do artista. Em 2018, ano dedicado às histórias afro-atlânticas no Museu de Arte de São Paulo (MASP), o museu apresentou uma exposição dedicada à obra de Emanoel Araújo, nomeada por "A Ancestralidade dos Símbolos: África-Brasil", além das duas individuais no MASP que permearam a sua carreira, a primeira em 1981 e a segunda em 1987 "Esculturas em Grandes Formatos". E atualmente, Araújo continua produzindo em seu ateliê, dirigindo o Museu Afro e curando importantes mostras ligadas à imagem e cultura do negro e do índio no Brasil.

[visite a página do artista](#)

Emanoel Alves de Araujo (Santo Amaro da Purificação, Bahia, 1940), works in sculpting, drawing, illustration, fashion design, engraving, set design, painting, and also as a curator and museologist. He was born in Bahia, in a traditional family of goldsmiths. It is in artist Eufrásio Vargas' studio that, still in puberty, he began to learn and works with .

At a very young age, he dove into the graphic universe as an employee of his hometown's Imprensa Oficial (Official Press). In 1959, he held his first solo exhibition, and in the 1960s, he moved to Salvador to attend the Escola de Belas Artes da Bahia (UFBA), where he studied printmaking.

From 1971 onwards, he created abstract works composed of conjugated geometric shapes. The artist gradually approached a constructive language, reducing the figures to primary structures. He also developed works that incorporated wavy segments of other prints, glued to a larger engraving, in order to produce cuts, interferences, and juxtapositions on the plane. These pieces already pointed to his interest in the three-dimensional. Focusing on the restructuring of the universe of Afro-Brazilian art and culture, he emphasized in his engravings, reliefs and sculptures the geometric shapes and volumes allied to fierce contrasts, marked angles and strong colors.

He has shown his work in several local and international galleries and exhibitions, totaling about 50 solo shows and more than 150 group exhibitions. He was awarded a gold medal at the 3rd Graphic Biennial in Florence, Italy, in 1972. The following year, he received the award of the Associação Paulista de Críticos de Arte (São Paulo Association of Art Critics - APCA) for best printmaker, and, in 1983, for best sculptor. He directed the Museu de Arte da Bahia from 1981 to 1983, and taught Graphic Arts and sculpture at the City College Arts course, in New York (1988).

He also directed the Pinacoteca do Estado de São Paulo for a decade (1992-2002) and founded the Museu Afro Brasil in 2004, where he still works as Curator-Director. In 2005, he worked as Municipal Secretary of Culture in São Paulo and, in 2007, he was honored by the Instituto Tomie Ohtake with the exhibition "Autobiografia do Gesto" (Autobiography of the Gesture), which brought together 45 years of the artist's production. In 2018, a year dedicated to Afro-Atlantic stories at the Museu de Arte de São Paulo (MASP), the museum presented a major exhibition entirely dedicated to the work of Emanoel Araujo, "A Ancestralidade dos Símbolos: África-Brasil" (The Ancestry of Symbols: Africa-Brazil), in addition to the two solo shows that MASP had held in the past – the first in 1981 and the second in 1987, titled "Esculturas em Grandes Formatos" (Sculptures in Large Formats). Currently, Araujo continues to produce in his studio, directing the Museu Afro and curating important projects related to the image and culture of black and indigenous cultures in Brazil.

[visit the artist page](#)



Rubem Valentim (Salvador BA 1922 - São Paulo SP 1991). Escultor, pintor, gravador e professor. Inicia-se nas artes visuais na década de 1940, como pintor autodidata. Entre 1946 e 1947 participa do movimento de renovação das artes plásticas na Bahia, com Mario Cravo Júnior (1923), Carlos Bastos (1925) e outros artistas. Sua pintura, ainda ancorada na figuração e observação, conta com cores vibrantes, formas curvas e composições que ocupam toda a tela, ecoando tanto a obra de Fernand Léger, quanto a produção da primeira geração de modernistas brasileiros. Em 1953 forma-se em jornalismo pela Universidade da Bahia e publica artigos sobre arte. Reside no Rio de Janeiro entre 1957 e 1963, onde se torna professor assistente de Carlos Cavalcanti no curso de história da arte, no Instituto de Belas Artes.

No Rio, entra em contato com a Umbanda – na Bahia, conhecia apenas o Candomblé. Lá, também depara-se com a produção concretista: conhece a geometria dos metaesquemas de Hélio Oiticica, o que o influencia a abdicar da figuração. A partir desse encontro, Valentim passa a dedicar-se a uma pintura cada vez mais geométrica: as formas simplificadas, a disposição com tendências simétricas e os elementos estilizados na tela tornam-se marcas de sua obra. A linguagem construtiva o afasta do imaginário exotizante do Candomblé, ao mesmo tempo que o mantém conectado a uma filiação às raízes afro-brasileiras – símbolos como o Machado de Xangô, por exemplo, podem ser identificados em suas obras, num exercício de redução das figuras e criação de uma iconografia própria.

Valentim vive em Roma entre 1963 e 1966, depois de ganhar o prêmio de viagem ao exterior no Salão Nacional de Arte Moderna. Ao retornar ao Brasil, reside em Brasília e leciona pintura no Ateliê Livre do Instituto de Artes da UnB. Sua produção expande-se para esculturas, murais e outros suportes, buscando uma síntese do que o interessava poética e plasticamente, criando o que chamou de 'Riscadura Brasileira' — uma estrutura formal que associava a geometria da arte ocidental às tradições africanas. Em 1979, instalou uma escultura pública, de concreto aparente, na Praça da Sé, em São Paulo, definindo-a como o Marco Sincretico da Cultura Afro-Brasileira. O artista continuou produzindo até o ano de sua morte, ocorrida em São Paulo, em 1991, nos legando uma obra reconhecida por explorar os caminhos entre o popular e o erudito, entre o universo religioso do candomblé e os cânones da pintura geométrica, e que é cada vez mais fundamental para um entendimento amplo e renovado da arte brasileira.

Rubem Valentim participou de inúmeras importantes exposições nacionais e internacionais, com destaque para a 31ª e a 33ª Bienal de Veneza, e as diversas Bienais de São Paulo — incluindo a 16ª edição, realizada em 1977, na qual apresentou Templo de Oxalá, com relevos e objetos emblemáticos brancos. Seus trabalhos integram diversas coleções particulares e públicas de grande relevância, incluindo: MoMA – Nova York, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu de Arte Moderna da Bahia, Museu de Arte de Brasília, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, Museu Afro Brasil, Colección Patricia Phelps de Cisneros, Coleção Adolpho Leirner, Gem Houston, entre outras.

Rubem Valentim (Salvador BA 1922 - São Paulo SP 1991) worked in sculpting, painting, engraving and also as a teacher. His activity in visual arts started in the 1940s as a self-taught painter. Between 1946 and 1947 he participated in the renewal of the arts scene in Bahia, together with Mario Cravo Júnior (1923), Carlos Bastos (1925) and other artists. His work was still anchored in figuration and observation, with the use of vibrant colors, curved shapes and compositions that occupied the entire canvas, echoing Fernand Léger's artwork, as well as the production of the first generation of Brazilian modernists. In 1953, he majored in journalism at the Universidade da Bahia and published articles about art. He lived in Rio de Janeiro between 1957 and 1963, where he became assistant professor to Carlos Cavalcanti in the art history course at the Instituto de Belas Artes.

In Rio, he came in contact with the Umbanda – in Bahia, he only knew the Candomblé. It was also in Rio that he move towards a concrete and abstract production: he got to see Hélio Oiticica's "metaesquemas", which influenced him to abdicate figuration. From this encounter onwards, Valentim devoted himself to an increasingly geometric painting: simplified shapes, a layout with symmetrical tendencies and stylization of the composition's elements on the canvas became important traces of his work. His constructive language distanced his work from an exotic perspective of Candomblé, while keeping it connected to an affiliation to his Afro-Brazilian roots – symbols such as the Machado de Xangô, for example, can be identified in his works, exercised in a reduction of the figures, creating his own iconography.

Valentim lived in Rome between 1963 and 1966, after winning the international travel award at the Salão Nacional de Arte Moderna (National Salon of Modern Art). Upon returning to Brazil, he lived in Brasilia and taught painting at the Ateliê Livre of the Instituto de Artes da UnB. His production expanded into sculptures, murals and other mediums, seeking a synthesis of what interested him poetically and plastically, in what he called "Riscadura Brasileira" (Brazilian Tracing) — a formal structure that associated the geometry of Western art with African traditions. In 1979, he installed a public concrete sculpture at Praça da Sé, in São Paulo, defining it as the Syncretic Landmark of Afro-Brazilian Culture. The artist continued working until the year of his death, which occurred in São Paulo, in 1991, leaving behind an unparalleled body of works recognized for exploring places between the popular and the erudite, between the religious universe of candomblé and the canons of geometric painting, and which is now ever more fundamental to a broad and renewed understanding of Brazilian art.

Rubem Valentim participated in numerous and important national and international exhibitions including the 31st and 33rd Venice Biennale, as well as in various São Paulo Biennials — including the 16th edition, held in 1977, in which he presented Templo de Oxalá (Oshala Temple), with emblematic white reliefs and objects. His works are featured in several private and public collections of great relevance, including: MoMA – New York, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), Pinacoteca do Estado de São Paulo, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Museu de Arte de Brasília, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), Museu Afro Brasil, Colección Patricia Phelps de Cisneros, Adolpho Leirner Collection, Gem Houston, among others.

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232 2315